

Palavras de descomeços:
reflexões dialógicas em
“No descomeço era o verbo”,
de Manoel de Barros

Elaine Martins dos Santos Silva⁸
Carlos Eduardo da Silva Ferreira⁹
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Resumo

Tendo como objeto para análise o poema “No descomeço era o verbo”, VII Poema integrante da parte inicial de *O livro das ignoranças* (1993, p. 17), de Manoel de Barros, este artigo se centra a partir de estudos discursivos ligados a perspectivas do Círculo de Bakhtin, bem como trava reflexões sobre contribuições de Jacqueline Authier-Revuz (2004 [1982]) para análises deste nosso movimento. A partir de movimentos de produção de sentidos e de ressignificações, nós procuramos nos deter na produção de redes dialógicas que marcam um interdiscurso com os valores enunciados neste poema. Trabalhamos conceitos como tema e significação, alteridade, exotopia e discurso poético.

Palavras-chave

Manoel de Barros. Círculo de Bakhtin. Dialogismo. Produção de sentidos.

Abstract

Having as the object of analysis the poem “No descomeço era o Verbo”, VII Integrated poem of the initial part of *O livro das ignoranças* (1993, p. 17), from Manoel de Barros, this article centers from the discursive studies linked to the perspectives of the Bakhtin Circle, as well as makes reflections about the contribution of Jacqueline Authier-Revuz (2004 [1982]) for the analysis of this movement of ours. From the movements of production of meaning and resignification, we tried to hold ourselves in the production of dialogic webs that mark the interdiscourse with the enunciation values in this poem. We will work with theme and meaning, alterity, exotopy and poetic speech.

Keywords

Manuel de Barros. Bakhtin Circle. Dialogism. Production of Meaning.

⁸ Aluna especial da Pós-graduação da Unesp/Araraquara (autora).

⁹ Doutorando (Unesp/Unicamp/Univesp). Representante discente e coordenador-professor do CLG - Curso/Círculo de Linguística Geral (coautor e orientador).

Introdução

Este presente texto é engendrado a partir de reflexões¹⁰ que se posicionam no eixo teórico-metodológico dialético-dialógico de uma análise discursiva do discurso. A perspectiva discursiva que assumimos faz que possamos compreender que estabelecer diálogos entre enunciados/vivências é um princípio que rege a atividade da vida e da linguagem, ocupando este assunto um especial lugar de destaque nas reflexões do Círculo de Bakhtin. O dialogismo – “ciência das relações” – celebra a alteridade, a orientação de um “eu” a um “outro”, e constitui, por isso, a categoria primordial por meio da qual os pensadores russos/soviéticos tratam as relações sociais e culturais, sobretudo no que diz respeito à linguagem. Para o Círculo, a linguagem é um produto vivo de interação social e das condições material-históricas de cada tempo. É *nela e por* ela que vamos nos constituindo como sujeito.

Outro eixo de configuração do dialogismo é o da relação entre os enunciados. Na perspectiva bakhtiniana:

a palavra está sempre relacionada com o que já foi dito e com o que ainda há de vir. Ela não é um elemento solto, aleatório, perdido no imenso fluxo da comunicação verbal; pelo contrário, ela estabelece um diálogo contínuo e ininterrupto com outras palavras circundantes no meio social (FRANCELINO, 2005, p 25).

Podemos assim dizer que a proposta estética e a poética de Manoel de Barros encontram-se na “brincadeira” para com a palavra, espaço em que o poeta instabiliza sentidos não muito explorados/esperados e também traz um enunciado composto de outros enunciados, revisitando vozes de múltiplos lugares e as orquestrando num discurso poético.

Bakhtin nos fala a respeito do caráter constitutivo da linguagem: “(...) uma só voz, nada termina, nada resolve. Duas vozes são o mínimo de vida.” (BAKHTIN, 1992, p 54). Em

¹⁰ Este nosso texto emerge no interior de dois lugares de intensas reflexões: 1) na disciplina oferecida pelo programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa “Produção de sentido e alteridade”, ocorrida no primeiro semestre de 2015, ministrada pela Profa. Dra. Maria Célia Mendonça/Unesp-FCLAr e 2) no grupo de estudos de Linguística e Interdisciplinaridade CLG (Curso/Círculo de Linguística Geral), ministrado pelo doutorando voluntário Carlos Eduardo da Silva Ferreira (Unesp/Unicamp/Univesp) frente a estudantes que focavam principalmente o ingresso na Pós-Graduação em Linguística. Este curso é voltado para a comunidade em geral. A centralidade dos encontros é, focando reflexões interdisciplinares em Linguística, colocar em cena conteúdos e debates que promovam inter-relações entre Linguística e Educação, promovendo um espaço para o levantamento de propostas com foco na produção acadêmica de conhecimento. O conjunto das provas do Processo Seletivo para o Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa na Unesp/Araraquara é tomado como umas das bases/debates para o desabrochar das ações.

Assim, este artigo contém reflexões do trabalho desenvolvido pela aluna especial da Pós-graduação da Unesp/Araraquara, Elaine Martins dos Santos Silva (autora deste texto), orientado pelo representante discente e coordenador-professor do CLG, Carlos Eduardo da Silva Ferreira (coautor deste texto). Assim, destacamos aqui o CLG como o lugar que promoveu linhas articulatórias de desenvolvimento e apoio a iniciações científicas. Assim, como resposta a orientações promovidas neste grupo, oferecemos este espaço como lugar de construção e contribuição à comunidade, principalmente, de estudiosos do discurso.

nossos dizeres existem outros dizeres presentes, noção explicitada do que podemos entender por dialogismo. Nesse sentido, trazemos as contribuições de Jaqueline Authier-Revuz para a análise do poema, pois esta autora, apropriando-se e ressignificando conceitos e debates bakhtinianos, demonstra uma preocupação sobre relações de sentidos, tal como no pensamento do Círculo de Bakhtin, e de “captura” do/pelo sujeito em seu conceito de *heterogeneidade constitutiva* do discurso.

Como ela nos coloca: “Todo dizer tem necessariamente em si a presença do outro” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p.14). Ao abordar sobre a *heterogeneidade constitutiva*, podemos compreender que os textos têm a propriedade intrínseca de se constituir a partir de uma dinâmica interação entre outros textos. Desta forma, todo texto é atravessado, ocupado, habitado pelo discurso do outro. Assim, dialogamos profundamente não com um objeto-texto-parado, mas sim com uma potencialidade de uma consciência do ser.

Compreender, segundo a perspectiva dialético-dialógica bakhtiniana, no nosso ponto de vista, coloca-nos a ler o mundo munidos de uma fina sensibilidade atenciosa a efeitos de produção de sentidos nas relações ideológicas intersubjetivas, que são dinâmicas, complexas, sistêmicas. Concebemos, neste parâmetro, que, sendo os processos interpretativos assimétricos uns aos outros pela diferença subjetivo-relacional de cada sujeito, entendemos que os sujeitos enfrentam um “problema de construir, no fluxo das instabilidades, uma estabilidade, e confessá-la ao Outro como uma posição provisória que permite propor uma hipótese” (GERALDI, 2003, p. 259). Sobre este “jogo” do provisório na construção de sentidos subjacente e inerente à linguagem, Ferreira (2015, p. 25-26) nos coloca que:

Há de se ressaltar, porém, que é nesta condição instabilizante que nós, sujeitos, nos instauramos como sujeitos, levando-nos a entender, assim, que a estabilização, o acabamento é sempre provisório, relação esta que permite o desdobramento espaço-temporal dos sujeitos, atrelando potencialmente uma memória do passado, um presente presentificado e uma memória de futuro, constituintes de um projeto de dizer. (...) O fluxo do devir propõe uma cadeia de “famílias parafrásticas de atos”. Entendemos que a provisoriedade é um estabelecimento fundante para a perspectiva dialógica, em que a constituição de si e do outro se dá na relação de graus de experiências.

De ordem teórica, a perspectiva bakhtiniana que assumimos faz-nos tomar como ponto de partida que reflitamos a conceituação de linguagem situada na perspectiva de uma prática social na qual o discurso, moldado pelas relações de poder e por ideologias, apresenta-se como uma rede de processos de significação, manifestação de pontos de vista, de subjetividades, provocando efeitos nas construções identitárias, nos sistemas de conhecimentos, crenças, os quais nem sempre estão aparentes na estrutura organizacional do

discurso introduzindo-se a ideia da constitutividade do sujeito pela e na linguagem.

Um dos aspectos mais inovadores da produção do Círculo de Bakhtin foi entender linguagem como um constante processo de interação mediado pelo *diálogo* – e não como um sistema autônomo por si mesmo, auto-organizador, mas sim condição/princípio articulada(o) pelo debate de posicionamento entre uma posição discursiva eu e uma posição posta a um outro no mundo. Ferreira (op. cit) nos coloca:

A visão filosófica da linguagem no círculo bakhtiniano é configurada numa trama de dizeres que marca não só uma estruturação comunicativa de um sujeito que se expressa, mas também o debate de marcas histórico-ideológicas de uma sociedade humana, que se alteram no decorrer dos tempos, produzindo um horizonte interpretativo para os sujeitos sócio-historicamente constituídos pela/na linguagem, centralizando estas questões para promover um debate sobre a trama discursiva que ao enunciarmos colocamos em cena. Desta forma, o círculo contribui significativamente para as questões sobre estabilidade e instabilidade dos sentidos, bem como para questões sobre as relações dos sujeitos com o mundo (alteridade; reflexão e refração dos sentidos; formas mais estabilizadas dos dizeres; interações entre os sujeitos; ética e estética, entre outras questões) (p. 31-32).

A partir dessa relação de sentidos trabalhada entre autores desta rede teórico-metodológica discursiva que estamos tomando neste nosso cenário de tramas, o conceito *heterogeneidade enunciativa*, desenvolvido na AD francesa com Authier-Revuz, nos mostra um olhar singular sobre/da linguagem no que se diz respeito à atribuição de um papel privilegiado na maneira de se compreender a constitutiva presença de discursos “outros” na fala de um enunciador. Authier-Revuz (2004) dividiu este conceito entre heterogeneidade mostrada e constitutiva, que abordaremos durante a nossa análise. Ainda segundo Authier-Revuz (2004), heterogeneidade constitutiva *do* discurso e heterogeneidade mostrada *no* discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, mas orientados numa dobra metadiscursiva de representação da constituição de um discurso. Para a autora, as marcas linguísticas formais de heterogeneidade mostrada podem ser distintas em, de um lado, aquelas que mostram o lugar do outro de forma unívoca, tais como discurso direto, aspas, itálicos, incisos de glosas; e, de outro, formas não marcadas em que o outro é dado a ser reconhecido num texto/discurso sem marcação unívoca, como o discurso indireto livre, ironia, pastiche, imitação etc.

Ferreira (2015, p. 44) ressalta forças centrífugas nesta correlação entre a ideia de heterogeneidade em Bakhtin e em Authier-Revuz:

Um ponto fundante de divergência reflexiva entre os trabalhos da autora e do círculo de Bakhtin é o posicionamento da atividade interpretativa, isto é, Authier-Revuz

desenvolve discussões acerca da constitutividade dialógica dos discursos – noção esta baseada nos escritos do círculo –, mas quando desenvolve reflexão sobre a heterogeneidade mostrada centraliza as práticas no foco de quem se coloca “ativamente” na busca dos sentidos, por mais que o termo “mostrada” sugira uma “pista” deixada por um sujeito produtor do discurso que no momento é um *já-dito*, um enunciado estabilizado, ele, o termo, remete a um sujeito que quer “ver” a questão da mostragem.

Entendemos, assim, que a autora privilegia a instância do estável, confrontando-se com as discussões do Círculo, que têm como centralidade os jogos do processo do *devir*.

Do poema e suas análises

Colocamos a seguir o poema e reflexões sobre produção de sentido a partir dele:

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava lá no começo,
onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor,
mas para som.
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
nascimentos – O verbo tem que pegar delírio.
(BARROS, 1993, p. 17).

No poema percebemos que o autor criador – Manoel de Barros –, orquestrador de vozes, se utiliza de vários recursos metalinguísticos para a construção do seu discurso poético. Ele se apropria do discurso mítico-religioso já legitimado pelo falante-destinatário, (des)constrói e ressignifica um começo, fazendo um jogo/brincadeira com as palavras (léxico e ideias) quando permeia uma relação entre o verbo e o delírio deste. Desta forma, o autor-criador traz outra voz para o seu discurso, a voz de uma criança, que assume como autora e sujeito de um enunciado, em que ela causa uma ruptura com a norma padrão de língua (convencional).

No que tange do real ao imaginário, a repetição de palavras – criança e verbo – se entrelaçam e deslizam o fazer poético poemático. “Verbo” e “criança” configuram cenas que instauram no poema a ideia da relação entre palavras e descobertas. O estado da descoberta por “crianças” é a constante busca humana de significação, estado latente por experimentações, sensações de novidades.

No primeiro verso do poema “No descomeço era o verbo” temos a ideia de que as coisas não começam como princípio da total exclusividade, pensamento que retoma com dissonância a voz bíblica em João (1;1), que diz: “No princípio era o verbo”.

O poeta faz, então, uma alusão a um outro enunciado, trazendo à memória um outro dizer e ao se apropriar desse discurso mítico-religioso, ele produz um deslocamento da palavra que permite uma outra construção de sentido em seu poema. Mediante essa construção de outros sentidos recorremos à concepção de Authier-Revuz (2004). As palavras não são exclusividade de um enunciador. Elas são sempre escolhidas levando-se em consideração as palavras de um *Outro* que já foram ditas em algum lugar da história e, por isso, estão impregnadas de valores ideológicos, modificando os seus sentidos em função do momento, do uso e do lugar discursivo do enunciador. Podemos dizer, então, que há uma relação dialógica marcada pela heterogeneidade enunciativa que recupera um discurso atravessado por outro discurso.

Quando recorremos às contribuições de Authier-Revuz, temos o intuito apenas de demonstrar que alguns de seus estudos/concepções percorrem um caminho de significações bem semelhante ao do Círculo de Bakhtin e, muitas vezes, eles/elas se amparam nos conceitos bakhtinianos pela autora perceber uma relação de sentidos próxima ao conceber os seus conceitos sobre heterogeneidade. Vale ressaltar que a autora traz uma contribuição linguístico-semântica para a AD. Segundo Brait (2001):

Authier-Revuz se coloca como linguista e não como analista do discurso; o que faz com que ela permaneça no nível linguístico, na materialidade linguística, no que a autora chama de “fio do discurso”, e pode ser entendido como enunciado não no sentido de frase modelo, mais do ato da enunciação (p.9).

“Só depois é que veio o delírio do verbo”. Neste verso podemos recuperar a ideia da verdade, de tema – Verbo – e pressupõe que algo está fora da normalidade, da racionalidade – representação do mundo – dando um significado de sentidos usando a palavra “delírio”.

Amparando em uma perspectiva enunciativo-dialógica, Bakhtin (1992) procura explicitar a inter-relação entre a significação e o sentido (tema) e de que maneira ela se produz em um enunciado, isto é, como a palavra se (res)significa em contextos variados.

Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo. Vamos chamar o sentido de enunciação completa o seu tema. O tema deve ser único. Caso contrário, não teríamos nenhuma base para definir a enunciação, individual e não reiterável. Ele se apresenta como a expressão de uma situação histórica completa que deu origem à enunciação.

“O delírio do verbo estava lá no começo”. Vemos aqui um imbricamento do tempo e do espaço, chamado pelos estudos do Círculo por *cronotopo*. Quando o poeta diz “estava lá no começo” este “lá” seria um lugar/espaço do começo do tempo/início ressignificante, nascimento das possibilidades de um novo viver/dizer. A noção de delirar está relacionada à condição de ressignificações que um ser expressa em seu viver. O começar de algo é, então, um mecanismo que a linguagem instaura, Pêcheux (1984) diria uma ilusão para produzir enunciativamente uma expressividade fundante na produção de novidades de sentidos.

“Onde a criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*”. Neste enunciado percebemos que o poeta traz uma outra voz ao poema: a voz de uma criança, tornando autora-sujeito deste único enunciado estabelecendo, assim, uma relação dialógica de explicitação heterogênicamente.

Recorramos novamente aqui às contribuições de Jaqueline Authier-Revuz (2004) quando ela evidencia a presença do Outro através da heterogeneidade mostrada no discurso, relatado no poema por meio de um discurso indireto, que percebemos quando o poeta introduz a fala da criança com dizeres em itálico (marcas discursivas). Para a autora, marcar o outro no fio do discurso é uma forma de negociar sentidos, criando a ilusão de que apenas nestes momentos do discurso há um pertencimento a um ponto outro, ou que esse Outro está presente apenas naquele ponto do discurso, sendo que, de forma constitutiva, o Outro está presente em toda parte, em todos os pontos do discurso – o Outro é aspecto constitutivo de um “uno”.

“A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor,/ mas para som./Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.” Com o objetivo de traçar uma relação de sentidos entre verbo escutar, cor e som na imaginação da criança, dito que ela não sabe que uma coisa “não funciona” categoricamente como sentido para outra, e para justificarmos essa imaginação dentro deste “não saber”, continuaremos com as contribuições de Authier-Revuz (1998) nos detendo ao que ela chamou de comentários *metaenunciativos* da enunciação (p. 20) e aos “quatro campos de “*não-coincidências*” que o dizer representa. Localmente “confrontado” com os pontos alterados, os dizeres se desdobram. Abordaremos nesse verso apenas um dos campos das *não-coincidências*: a “*não-coincidência* entre as palavras e as coisas”, em que Authier-Revuz (1998; 2004) explica sua reflexão a partir da teoria lacaniana sobre real, imaginário e simbólico. Nessa *não-coincidência* do dizer,

constatamos a relação entre o real e a linguagem que nomeia esse real. As “coisas” são colocadas como objeto-real a nomear e as “palavras” como sistema simbólico significante. A língua, portanto, é vista como o instrumento utilizado para nomear, “capturar” um determinado senso de realidade. No entanto, a nomeação ou captura do real pela palavra não é de natureza direta, porque o real é, em sua essência, radicalmente heterogêneo à ordem simbólica. Ao discutir essa relação entre real e linguagem, Fonseca (2007, p.20) compreende que, a partir dos estudos de lacanianos, o real é o “impossível da linguagem”, mas o sujeito pretende representá-lo e imagina que alcança sua tarefa, senão não haveria o que ser dito. O sujeito, no entanto, tenta sempre alcançar e nomear esse real. Nesse esforço, neste verso do poema que estamos analisando percebemos a manifestação de fenômenos que expressam a *não-coincidência* entre as palavras e as coisas.

“E pois./Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer/ nascimentos – O verbo tem que pegar delírio.”. Na visão bakhtiniana, há a necessidade de considerar os enunciados como compostos de vozes (ponto de vista, visões de mundo que dialogam umas com as outras e que servem para mostrar que não existe enunciado puro). A essa interação ou confronto de vozes – explícitas ou implícitas – no interior de um texto/discurso – o autor chama de polifonia. Há de se dizer que no final do poema o poeta justifica o ter que pegar delírio do verbo com um cruzamento de vozes no discurso, afirmando que a poesia é voz de poeta e que essa voz cria/recria significados e sentidos por meio de um posicionamento. Podemos chamar esse mecanismo de “posição do autor” - e por que não de “posição de poeta” em nosso caso? Sendo assim, conforme o pensamento do Círculo de Bakhtin (apud TEZZA, 2003, p.37):

O poeta quando escreve, não seleciona um sistema abstrato de possibilidades fonéticas, gramaticais-lexicais, isso sim, as avaliações implícitas em cada palavra. Para o Círculo de Bakhtin, a palavra já entra carregada de opiniões, com todas as marcas de seu território valorativo.

Para as questões dialógicas que apresentamos aqui sobre traços da poética de Manoel de Barros, levantamos duas hipóteses ligadas à ideia de memória: uma que se apresenta como imagem poética e que constrói centralmente não somente nas reminiscências da infância, mas é interpelada e mediada pelo exercício da explicitação metalinguística constituindo, assim, configurações temporais que inter cruzam memória pessoal e memória crítica; uma outra que aponta para um movimento de heterogeneidade mostrada estabelecida por direcionamentos dialógicos a textos, a autores e artistas plásticos estabelecendo, desta forma, um trabalho com a memória cultural-coletiva. Desta dialética podemos estabelecer

uma rede que brote a ideia que, em face deste jogo de memórias, a discussão sobre tais *memorações* constitui uma autorreferência, levando-nos a entender que a poética de Manoel de Barros se constitui de um movimento subjacente em que trabalha a interação entre a memória do poeta e a memória do leitor, convidando-as para que elas se reúnam para construir sentidos.

Considerações finais

O desafio de analisar o poema, "No descomeço era o verbo", de Manoel de Barros, surgiu por meio de um ambiente de expressividades discursivas, ao qual se constitui um exemplo de rede social: o *Facebook*, relação esta que está, por hora, nos instigando a refletir sobre a produção de sentidos na inter-relação com a estrutura híbrida dos gêneros discursivos que constituem e comportam a ocorrência da expressividade poemática. Estes desdobramentos de olhares estão permitindo nossos passos atuais sobre processos de concepção e movimentações analíticas de interpretações a partir de relações dialógicas entrelaçadas na poética de Manoel de Barros. Consideramos que se trata de um discurso artístico, visto que o autor/criador percorre um caminho de relacionar sentidos – com as palavras – de valores na arte de uma outra forma que os valores já foram concebidos na vida, ou seja, traz para a obra artística outros sentidos aos enunciados. Para Bakhtin (1926), a arte é imanentemente social em suas relações. Assim, o discurso artístico ocorre de modo semelhante ao discurso da vida, influenciado por elementos extraverbais que encontramos resposta dentro do texto artístico. Desta forma entendemos uma interação e também uma inter-relação entre os discursos, vida e arte, portanto, o poeta desenvolve um processo de resignificação de sentidos da vida para arte.

A leitura dos textos do Círculo nos coloca a entender que compreender significa orientar-se para a consciência do outro e de um/seu universo instalado, esquematizando redes de uma memória discursiva composta por uma ética de juízo de valores, relacionando práticas sociais passadas, a fim de estabelecer no momento presente do acontecimento uma explicitação de interpretações, fazendo, num jogo assimétrico de relações, uma constante busca de estabilização (interpretação) de caminhos possíveis (sentidos). Os sentidos são produzidos sempre na relação dos discursos. E é nesta relação que há um atravessamento ideológico dos signos. Não vivemos alheios à ideologia. Fazemos uma contínua e vital operação de estabilização de sentidos em meio à instabilidade da linguagem. Esta dialética

dos jogos de instabilização é elemento central na temática poética instaurada no poema de Manoel de Barros fazendo-nos entender que este autor, deste modo, explicita no gênero poema a reflexão filosófica que o Círculo bakhtiniano traz em prosa. Neste diálogo entre *o discurso da vida e o discurso na arte* tecem-se vozes orientantes que partem do mundo das relações das *palavras-sujeito*.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Tradução de Claudia R. Castellanos Pfeiffer, et al. Revisão técnica da tradução Eni Pulcinelli Orlandi Campinas: Ed. da UNICAMP, 1998.

_____. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Apresentação Marlene Teixeira; revisão técnica da tradução de Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte**: sobre poética sociológica. Tradução de C. A. Faraco; C. Tezza. Circulação restrita. [1926].

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

BÍBLIA SAGRADA. N.T. João 1. Trad. de J. F. Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998, p. 134-136.

BRAIT, Beth (Org). **Estudos enunciativos no Brasil**. São Paulo: Pontes, 2001.

FERREIRA, Carlos Eduardo da Silva. **O discurso sobre a aula de matemática**: articulando vozes na revista *Nova Escola*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Unesp, Araraquara-SP, 2015.

FONSECA, C. M. V. **Escavando o discurso e encontrando o sujeito**: uma arqueologia das heterogeneidades enunciativas. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2007.

FRANCELINO, Pedro Farias. A dimensão dialógica e socioaxiológica do discurso reportado em Bakhtin. In: **Graphos**. João Pessoa, Ano VI. N. 2/1, Jun./Dez., 2004.

GERALDI, João Wanderley. Depois do ‘show’, como encontrar encantamento? In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, (44): 251-261, Jan./Jun. 2003.

PÊCHEUX, Michel. Rôle de la mémoire. In: **Histoire et linguistique**. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1984.

TEZZA, Cristóvão. **Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.